

GUILHERMINA SUGGIA

COM a morte da violoncellista Guilhermina Suggia desaparece da música portuguesa a sua figura mais eminente do nosso tempo e uma das personalidades mais notáveis da arte portuguesa de sempre.

Pode dizer-se que, entre nós, Viana da Mota e Guilhermina Suggia eram as duas grandes elevações na planície de valores equivalentes que constituem o património musical da Nação, relativamente a intérpretes da suprema arte.

Compositores da craveira daqueles dois solistas nunca possuímos. De figuras dominantes na medida em que o foram Viana da Mota e Guilhermina Suggia, só poderemos fazer referências, com justeza e uma noção conveniente das proporções, focando os nomes de Artur Napoleão, no piano, e Luísa Todi, no bel-canto.

Entre artistas portugueses de talento cuja existência se conhece, mas vivem no anonimato por vários motivos, não se visiona, em toda a modesta história da música portuguesa, — exceptuando os casos, já antigos, de Artur Napoleão e Luísa Todi — qualquer exemplo que sirva a comparações equilibradas.

São muito respeitáveis os nomes de David de Sousa, na « direcção de orquestra » e que, na « composição », apesar de suas grandes possibilidades, não deixou obra; Her-

nani Torres, como pedagogo que ministrou no Conservatório de Leipzig e dirigiu o do Porto a que, sob seu mandato artístico, o autor destas linhas teve a honra de pertencer; Líbia Frago, a quem a morte prematura não permitiu uma realização como criador, uma identificação definitiva de seu estro, em que muitas esperanças foram postas.

Alguns mais poderíamos citar.

Todavia, pouquíssimos esses valores que puderam realizar-se e foram aproveitados; pouquíssimos os artistas notáveis que fazem a nossa história musical.

Depois daquelas duas grandes figuras do passado, apenas se salientam os nomes de Viana da Mota e Guilhermina Suggia.

Artur Napoleão, muito jovem ainda, conquistou as plateias de todo o mundo culto do seu tempo e às suas geniais faculdades de intérprete do piano o próprio Franz Liszt rendeu homenagem. Luísa Todi, depois duma carreira fulgurante, que levou o nome de Portugal aos mais notáveis centros musicais, chegou a ser considerada a maior cantora do seu tempo.

A morte de Guilhermina Suggia, « um » dos maiores e « a maior » violoncellista de todos os tempos, constitui perda irreparável para a cultura portuguesa.

Muito nova ainda, Guilhermina Suggia, depois dos primeiros estudos que seu pai lhe ministrou e

de logo aos sete anos de idade ter mostrado, num primeiro concerto, a sua natural predisposição para a música, fez sua educação definitiva sob a orientação do grande pedagogo Julius Klengel, em Leipzig.

Aos 16 anos, obteve um extraordinário êxito nos concertos da célebre « Gewandhaus », tocando para o público mais exigente — como as plateias alemãs desse tempo — sob a direcção de um dos maiores maestros que até hoje existiram — Artur Nikisch.

Desde essa oportunidade de consagração do seu enorme talento, a grande concertista portuguesa foi ovacionada nos principais centros musicais do Mundo, adquirindo um prestígio de que só raros artistas têm usufruído.

Ao lado de Pablo Casals e Piatigorsky, Guilhermina Suggia representava um expoente supremo da técnica e expressão violoncellísticas, sendo inultrapassável e absolutamente geniais algumas de suas interpretações, como o concerto de Dvorak e o concerto em lá menor de Saint-Saëns.

A morte desta artista eminente é perda nacional sem reparação e, na história da nossa cultura, Guilhermina Suggia ficará como pilar dos mais raros, mais notáveis, mais significativos, pela projecção universal que conseguiu impor.

MARQUES RIBEIRO